

JOSÉ ANTÔNIO ORLANDO
ESPECIAL PARA O HOJE EM DIA

RELATO

Cientista revela história de **ALEX, O PAPAGAIO**

Livro de Irene Pepperberg narra os bastidores da pesquisa polêmica

Quando Alex morreu, aos 17 anos, em setembro de 2007, os mais respeitados jornais dos Estados Unidos e Europa estamparam, nas primeiras páginas, a notícia, em manchete. A morte de Alex também foi destaque em redes como a CNN e reproduzida em TVs, sites da Internet, rádios e revistas do mundo inteiro, inclusive no Brasil. Foi uma comoção. A revista inglesa "The Economist", que tem na seção obituário um dos espaços mais míticos do jornalismo contemporâneo; pela primeira vez abriu uma exceção aos grandes nomes da "inteligentia" e homenageou Alex. Outra comoção. Nos Estados Unidos, o programa "Good Morning, America", campeão de audiência matinal da rede ABC, também abriu um precedente em décadas: pela primeira vez, uma única notícia ocupou todo o tempo do programa, que bateu seus próprios recordes de audiência com a reportagem sobre Alex – o representante mais famoso da espécie conhecida como papagaio-cinzeiro africano, a ave que melhor imita a voz humana.

A comoção internacional provocada pela morte de Alex veio completar seu status de celebridade, conquistado em muitas reportagens e participações em programas de TV nos últimos 30 anos. Para além da repercussão que a notícia da morte do papagaio causou na imprensa, a história de vida de Alex é, no mínimo, inusitada. Ele foi comprado por uma cientista norte-americana, Irene Pepperberg, quando tinha apenas um ano de idade. Viveram juntos por três décadas, dividindo experimentos sobre linguagem nas universidades de Harvard e Massachusetts, onde Irene trabalha como professora de cognição animal.

Alex conquistou a fama por conta de domínio de certas habilidades quase inacreditáveis, em se tratando de um papagaio. O pássaro inteligente e falante e a cientista motivada mantiveram uma relação apaixonada, intensa e estável – que trouxe avanços consideráveis na pesquisa sobre linguagem e comportamento animal.

Além do progresso científico resultante dos experimentos com Alex, a doutora Irene também contabilizou problemas e desafetos com outros cientistas, que a acusavam de invalidar a pesquisa pelo envolvimento emocional que mantinha com o papagaio. Irene também perdeu o marido, que a abandonou em um momento de crise, e mudou várias vezes de emprego, o que obrigou a cientista e o papagaio a muitos sacrifícios financeiros e a longos períodos de vida nômade entre mais de uma universidade.

Os experimentos da doutora Irene com Alex e a história da vida cotidiana dos dois durante exatos 30 anos estão contados pela cientista no livro "Alex e Eu" (Editora Record, 240 páginas, R\$ 38), que chega ao Brasil com histórico de best-seller em diversos países. Os bastidores do convívio e as peripécias da pesquisa revolucionária e polêmica – que em muitos momentos variam de aspectos filosóficos a mal-entendidos hilários, dignos de cenas típicas das comédias do grupo Monty Python – resultaram em um livro que tem tanto atrativos para pesquisadores da linguagem como para o leitor que pretende apenas acompanhar uma história divertida e muito fora do comum.

O que nunca deixou de surpreender nas experiências e avanços científicos alcançados por Irene e Alex é a inteligência do papagaio – que nas palavras da própria cientista "abriu uma janela para o vasto mundo da mente dos animais". Nos experimentos em casa e no ambiente acadêmico, Alex estabelecia diálogos "inteligentes" com Irene e de-



Alex: nas palavras da própria cientista que o criou, o papagaio teria aberto "uma janela para o vasto mundo da mente dos animais"

monstrava domínio incomum sobre formas simbólicas, tais como letras, palavras e números. Também dominava um extenso vocabulário em inglês, sabia somar e identificava corretamente cores, objetos e conceitos abstratos como "maior" e "menor", "mais" e "menos", "longe" ou "perto", "todos" ou "nenhum", "verdadeiro" ou "errado".

No livro, Irene descreve passagens cotidianas e lembra histórias de outros animais que desafiaram cientistas, entre eles, o lendário cavalo alemão Clever Hans, que era apresentado em grandes espetáculos em teatros e exposições: seu proprietário solicitava perguntas à audiência, que quase sempre tratavam de números e operações matemáticas complexas. Clever Hans nunca falhou - provocando a ira dos céticos e dos cientistas.

Assim como o cavalo de 1900 ou alguns outros animais que chegaram ao estrelato no cinema e na televisão, no decorrer do século XX, Alex foi acusado frequentemente por expoentes da comunidade científica de ser apenas uma fraude, um tru-

que ilusionista forjado por treinamentos cruéis e intensivos. Mas a fraude nunca ficou provada, e Alex seguiu surpreendendo a todos por anos e anos. Às vezes, ficava entediado com as repetições dos experimentos e pedia para terminar – outras vezes também pregava peças para provocar a cientista e as bancas examinadoras, errando de propósito e depois pedindo desculpas pelas travessuras.

"Ao usar Alex como exemplo", registra a autora, numa das muitas passagens confissionais de "Alex e Eu", lem-

brando que há mais de quatro mil humanos convivem com os papagaios como animais domésticos - "consegui convencer muitos céticos que o abismo existente entre humanos e animais não é tão grande como se pensa".

As lições de Irene Pepperberg atingiram muitos discípulos no mundo inteiro. Para o consultor de comportamento animal e treinador Yuri Domeniconi, que conhece a história de Alex e Irene há cerca de 20 anos e utiliza métodos parecidos em seu trabalho, o grande mérito do tra-

balho da cientista norte-americana foi estabelecer um capítulo importante não só para a pesquisa acadêmica, mas para a história da humanidade. "A doutora Irene tem hoje 60 anos e dedicou metade de sua existência a um trabalho que é uma lição de coragem, de inteligência e de vida", destaca Domeniconi, que mora no Rio de Janeiro, em entrevista por telefone ao HOJE EM DIA.

"A questão da comunicação entre humanos e animais é muito antiga. Está em todos os textos religiosos, na literatura e nas artes. O que a doutora Irene fez foi enfrentar algumas certezas que estavam estabelecidas, o que acabou provocando algum escândalo e muita incompreensão de outros cientistas, que, infelizmente, preferiram o refúgio do preconceito", analisa o biólogo, que é vegetariano e, por conta de seu trabalho para zoológicos e outras instituições, no Brasil e no exterior, tem sido presença constante em programas de TV para demonstrações de treinamento e controle de animais.

Domeniconi, que mantém o site www.beanimal.com.br e se orgulha de hospedar,

em casa, animais como cobras, lagartos, cães e aves (entre elas, várias araras e papagaios da mesma espécie de Alex), participa hoje, no Rio de Janeiro, do lançamento nacional do livro de Irene Pepperberg. No evento, promovido pela editora, serão exibidos fotografias e vídeos sobre Alex, com Domeniconi comentando o passo a passo das experiências da cientista. O biólogo também fará apresentação didática com três de suas aves, demonstrando a inteligência e as habilidades que cada animal pode atingir.

"O trabalho da doutora Irene é um convite para as pessoas prestarem mais atenção nos animais e em si mesmas. As pessoas atualmente vivem muito separadas da natureza. É preciso retornar ao mundo natural para entendermos mais sobre nós mesmos", defende Domeniconi.

"Meu trabalho com animais também traz muitas experiências curiosas", explica o biólogo. "Às vezes os animais chegam impossíveis, problemáticos, e depois de algum tempo saem felizes", completa, revelando que, além de treinar determinados comandos, sempre tenta ensinar um pouco da língua dos bichos para os seres humanos e um pouco da linguagem dos humanos para os animais.

"O mais importante é encontrar uma certa sintonia entre cada animal e seu dono ou tratador. Os animais sempre têm níveis de raciocínio que são possíveis de serem alcançados com relativa facilidade. Se houver confiança mútua, os resultados são sempre surpreendentes", conclui o biólogo, que se considera um seguidor convicto das teorias de Irene Pepperberg – segundo as quais o reino animal está povoado de criaturas que têm inteligência e consciência de linguagem entre seus semelhantes e com outros seres.

O relato fascinante e emotivo da doutora Irene, lançado em 2008 nos EUA e eleito um dos melhores livros do ano pelo "The New York Times", tornou-se best-seller instantâneo em vários países. Em 2000, a autora já havia se tornado uma celebridade com outro livro, "The Alex Studies", que também descrevia experiências de linguagem e cognição entre o papagaio e os cientistas envolvidos no projeto.

Em "Alex e Eu", a autora constrói um relato emocionado e emocionante – suas memórias representam uma revolução científica porque abrem novas possibilidades de estudo sobre a capacidade da mente dos bichos, colocando em xeque as fronteiras milenares que diferenciam exatamente um homem de um animal. ☺



Yuri Domeniconi preconiza um retorno ao mundo natural

A comoção internacional provocada pela morte de Alex veio completar seu status de celebridade



Irene e Alex: uma relação que atravessou três décadas

"Consegui convencer muitos céticos que o abismo existente entre humanos e animais não é tão grande quanto se pensa"